

Clube do Jardim - Comunidade de Práticas Agroecológicas e sustentáveis

Club Garden - Community Agro-ecological practices

SILVA, Francisca Rosa^{1,2}; NOVAIS, Tatiana Oliveira^{3,4}; OLIVEIRA, Bruna Pedrosa Thomaz de^{3,4}; SERRÃO, Simone Armond^{2,5}; SCHARAMM, Ana^{2,6}.

¹Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, franrsunb@gmail.com², Fundação Oswaldo Cruz Brasília³, tatinovais@gmail.com⁴, bthomazoliveira@gmail.com, ⁵simone.serrao@fiocruz.br, ⁶schrammana@gmail.com

Tema Gerador: Educação em Agroecologia

Resumo

O objetivo deste relato é descrever a experiência do Clube do Jardim da Fiocruz Brasília - Comunidade de Práticas Agroecológicas e Sustentáveis. É uma comunidade de práticas, com troca de experiências e aprendizagem a cerca de uma vida mais saudável e possibilita o fortalecimento das pautas de: Sustentabilidade, Saúde do trabalhador(a), Práticas integrativas, Promoção da saúde e se constitui como espaço de integração institucional. Esta experiência vem produzindo algumas mudanças institucionais, como transição agroecológica, possibilidade de ferramenta pedagógica, espaço de construção de vínculos.

Palavras-Chave: Transição Agroecológica; Agricultura Urbana; Comunidade de Práticas.

Abstract

The objective of this report is to describe an experience of the Clube do Jardim da Fiocruz Brasília - Community of Agroecological and Sustainable Practices. It is a community of practices, with an exchange of experiences and a learning of a healthier life and a possibility of pause strengthening of: Sustainability, Worker's health, Integrative practices, Health promotion and constitutes as an integration space Institution. This experience has been producing some institutional changes, such as the agroecological transition, the possibility of a pedagogical tool, a space for link building.

Keywords: Agroecological Transition; Urban Agriculture; Community of Practice.

Contexto

A Agricultura Urbana e Periurbana vem sendo praticada em diferentes espaços: privados, institucionais, locais não construíveis e locais verdes urbanos. Entre as principais contribuições da agricultura urbana estão o fortalecimento da segurança alimentar e nutricional, a melhoria da nutrição e da saúde nas comunidades, além de um ambiente mais saudável (COSTA et al, 2015). Em Brasília, a agricultura urbana vem crescendo e criando força, com várias experiências de hortas urbanas em praças, entre as quadras, hortas institucionais, entre outras. Assim, estas experiências de hortas

urbanas vêm fortalecendo os vínculos comunitários, mudando a relação das pessoas com a terra, alimento e com a cidade, e resgatando o uso de plantas medicinais.

Estas experiências têm em comum, os princípios agroecológicos. A Agroecologia sustenta o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) referendado no Brasil pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), que o define como "a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais". Entre as diretrizes da SAN aparece a conservação da biodiversidade e a utilização sustentável dos recursos no processo de produção de alimentos, a promoção da agricultura familiar e das práticas de Agroecologia (CONSEA, 2007).

A discussão sobre a agricultura urbana insere-se nos desafios contemporâneos relacionados à expansão do processo de urbanização em escala global e ao acesso dos alimentos pelas populações, como garante o Direito Humano à Alimentação Adequada. O planejamento territorial e a gestão urbana também podem ser pensados a partir dos benefícios e serviços que a agricultura urbana oferece. Entre esses benefícios ambientais estão, além da gestão de resíduos urbanos (sólidos e orgânicos), o reflorestamento das cidades, o aumento da permeabilidade do solo e das áreas verdes, a limpeza dos terrenos baldios, o uso adequado para áreas de risco, entre outros (AQUINO et al 2007). Sendo assim considerada uma prática de promoção da saúde.

E traz outro conceito de Direito à Cidade. Nos últimos anos a agroecologia começou, cada vez mais, a ser vista no contexto dos territórios onde se localizam as experiências, as quais devem ser compreendidas não isoladamente, mas sim na interação com os atores sociais, as políticas e as estratégias de desenvolvimento implementadas em cada território. Essa abordagem contextualizada trouxe à luz tanto situações de conflitos que ameaçam ou limitam a ampliação das experiências (incluindo disputas por terra, mineração, expansão do agronegócio, construção de grandes obras, especulação imobiliária etc.) como possibilidades de cooperação com outras organizações e redes da sociedade civil atuantes em temas que guardam relação direta com a agroecologia.

A Abrasco publicou um dossiê contra o agrotóxico em parceria com a Fiocruz e outras entidades. Com este dossiê, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) visa a alertar, por meio de estudos científicos, as autoridades públicas nacionais, internacionais e a sociedade em geral para a necessidade de políticas que possam proteger e promover a saúde humana e os ecossistemas. Trata-se também de uma manifestação da Abrasco, entidade que nasceu no contexto das lutas sociais pela redemocratização do Brasil e está comprometida com a emancipação dos sujeitos e a conquista de modos de vida mais saudáveis.

A Fiocruz do Rio de Janeiro desenvolve o projeto Terrapia, que é um espaço de referência em Alimentação Viva, que através de práticas cotidianas, uma culinária brasileira sem cozinhar os alimentos e um modo de olhar o próprio corpo como ecossistema e meio de participação na preservação ambiental. Desenvolve ainda com autonomia o trabalho de receber e orientar novos integrantes, visitantes, estagiários, em Oficinas, Cursos e Vivências, participação em eventos, convênios e parcerias. Em

Janeiro de 2015 o Terrapia passou a integrar os Programas Fiocruz Saudável, desenvolvendo ações direcionadas para o trabalhador do campus, através da Coordenação de Saúde do Trabalhador, e o de Cooperação Social, atuando no entorno de Manguinhos e nas outras unidades regionais onde a Fiocruz tem sede.

Dentro deste contexto político, social e institucional, o objetivo deste relato de experiência é descrever a experiência agroecológica da Fiocruz Brasília, chamada de clube do Jardim - Comunidade de Práticas Agroecológicas e Sustentáveis.

Descrição da experiência

O Clube do Jardim é uma comunidade de práticas, com troca de experiências e aprendizagem a cerca de uma vida mais saudável e possibilita o fortalecimento das pautas de: Sustentabilidade, Saúde do trabalhador(a), Práticas integrativas, Promoção da saúde e se constitui como espaço de integração e ferramenta pedagógica.

Adotou-se o nome Jardim comestível, no lugar de horta, como estratégia para não romper o contrato de jardinagem, e se constituir em uma atividade a mais para a empresa terceirizada, e pelo fato do território de atuação se constituir em todo a extensão do jardim da Fiocruz Brasília, e não apenas ao primeiro canteiro, podendo se constituir em um jardim não apenas estético, mas colaborativo, funcional, agroecológico, sustentável, que valoriza a diversidade, os conhecimentos populares e tradicionais.

O desejo de ser ter uma horta comestível, era um desejo antigo de várias pessoas, se constituindo como primeiros protagonistas desta experiência na Fiocruz Brasília o Programa de Alimentação, Nutrição e Cultura (PALIN); Programa de Educação, Cultura e Saúde (PECS); Colaboratório; Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares (OBHA) e os jardineiros prestadores de serviço da Fiocruz.

O primeiro canteiro foi um processo de ocupação, com aval verbal do diretor e vice diretor, que se iniciou no dia 21/10/2016, durante a atividade de “Aventura Alimentar” durante a Semana de Ciência e Tecnologia 2016 cuja temática era norteadas pelos conceitos da Segurança Alimentar e Nutricional e da Agroecologia. Na construção do primeiro núcleo agroecológico contou com a participação do CRATS, Coletivo Alcateia, Horta e CSA Girassol, filhas e filhos de trabalhadores da Fiocruz. Neste dia foram plantados: feijão de corda, feijão de porco, alface lisa, alface crespa, alface roxa, cajuzinho, moringa, milho crioulo.

Em 09/12/2016, aconteceu a primeira roda de conversa do jardim com o consultor em agricultura e meio ambiente Dalembert de Barros Jaccoud. O objetivo da roda de conversa foi apresentar o projeto aos demais colegas da instituição e ampliar o número de participantes criando uma agenda de encontros mensais para ampliar os módulos experimentais de produção de alimentos e os conhecimentos nas temáticas de saúde, sustentabilidade e bem-estar a partir dos conceitos de Agricultura Urbana, Agroecologia e Segurança Alimentar e Nutricional. Na mesma data foi realizada também a Celebração da colheita das alfaces com facilitação da Leda Badra Bevilaqua, Professora e Diretora da Secretaria de Educação do DF - Escola da Natureza, como também a Partilha de salada comunitária com molho de plantas alimentícias não convencionais (PANC).

No dia 20/01/2016 foi feito um segundo canteiro de ervas medicinais, aromáticas e místicas, as pessoas foram convidadas a trazer alguma muda que tivesse em casa e/ou seu conhecimento para uma roda de conversa sobre o assunto e o uso que faz da planta. Este segundo canteiro foi feito no formato de semi lua para compor o formato de mandala e foram plantados: pimenta, manjeriço (tradicional e roxo), arruda, erva cidreira, capim limão, citronela, salsa, boldo da terra, babosa, entre outros. E foram plantados canteiros com flores comestíveis como capuchinha, amor-perfeito, beldroega e begônia.

O último encontro, aconteceu no dia 26/04/2017, foi realizada durante o CompartilhaEFG, que é um momento de conversação das práticas dentro da Escola Fiocruz de Governo (EFG), para apresentar o Clube do Jardim como estratégia pedagógica dentro da escola do governo. A reunião produziu várias ideias e possibilidades de ações futuras e possível engajamento de outros atores. No próximo mês esta experiência será apresentada na reunião de colegiado da Fiocruz.

Sempre há a doação de mudas e a manutenção constante. Uma das estratégias é o reaproveitamento das folhas, que eram descartadas, e assim, e agora, são usadas para fazer uma cobertura do jardim, para a proteção do solo e conservação da umidade. Além das plantas mencionadas, estamos plantando Ora-pro-nobis, jabuticaba, pitanga roxa, abacate e bastão do imperador. Espera-se que em breve, teremos o planejamento e implementação de um pequeno pomar.

Esta experiência vem contando com o apoio de parceiros externos como - Grupo de trabalho de Agricultura Urbana do movimento Nossa Brasília; Coletivo Agroflorestal Alcateia; Centro de Referência de Agroecologia e Tecnologia Social (CRATS) do GDF; Centro de Excelência em Turismo (CET); Mercado sul - Mulheres e agroecologia; Comunidade que Sustenta Agricultura - CSA Brasília; Sala viva da Faculdade de Saúde da UnB; e Faculdade de Saúde - Promotora de saúde.

Conquistas

Caminhando para uma Transição Agroecológica - O manejo do jardim da Fiocruz Brasília é tradicional com uso de agrotóxicos organofosforados, que ficam no solo por 20 anos, e com uso de herbicidas e fungicidas com aplicação a cada seis meses. Após esta detecção, contraditória dentro do contexto institucional, foi suspenso o uso de agrotóxicos, visto que os jardineiros, tinham livre acesso no uso, e está sendo reavaliado o Termo de Referência de manejo do jardim, com uso de adubo 100% orgânico e sem o uso de agrotóxicos.

Mudança de cultura institucional - Trabalhar com agroecologia e princípios da agrofloresta são relevantes para contribuir na produção de um ambiente com outra concepção estética e saudável. Para quem gosta de plantar e busca uma aproximação maior com a natureza tem no jardim e na comunidade de prática uma oportunidade de vivência e aprendizagem. É possível refletir sobre questões estéticas e políticas, podendo essa ser uma estratégia de governança comunitária e ampliação dos espaços para tomada de decisão, como também uma ação coletiva para fortalecimento de

vínculos e relações entre os trabalhadores da Fiocruz, bem como, pode ser também uma ação educativa no contexto da Escola Fiocruz de Governo.

Perspectivas

Dentro das perspectivas de aprendizagem, espera-se que o jardim se torne uma sala viva, e que num futuro breve conjugue com a experiência de uma Comunidade que Sustenta Agricultura – CSA Escola, e se trabalhe alfabetização ecológica, reconexão das pessoas com a natureza, intercâmbio com experiências externas, fortalecimento das relações comunitárias das pessoas da Fiocruz com outras experiências da UnB e de hortas urbanas no Distrito Federal.

Que mude sua concepção para uma paisagem funcional com plantas comestíveis e um pomar. Espera-se que aumente o sentimento de pertencimento e engajamento das pessoas, e todos possam sonhar juntos, com respeito de diversidade.

Em futuro breve, será realizado um canteiro com um jardim de Plantas Comestíveis Não Convencionais (PANC), estratégias de uso racional de água; estímulo a redes de experiências agroecológicas conectadas dentro da UnB e Produção sustentável da compostagem.

Espera-se com esta experiência uma reflexão-ação e aprendizagem capaz de produzir transformação cultural e social, que mesmo local, pode reverberar na vida de todos e na mudança da cultura alimentar e de relação com a natureza, que respeite a diversidade da vida, ecologia de saberes e o ecossistema e do cerrado.

AGRADECIMENTOS

Cosme e Paulino - Jardineiros da Fiocruz Brasília; Beatriz e Árina - CRATS - Centro de Referência de Agroecologia e Tecnologia Social, da SEDESTMIDH-GDF; Alda Duarte e Igor Aveline - GT de Agricultura Urbana do Nossa Brasília; Igor Caribé - Coletivo Alcatéia e Denise Oliveira - OBAH, PALIN-Fiocruz.

REFERÊNCIAS

DE AQUINO, AdriAnA MAriA; DE ASSIS, Renato Linhares. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. **Ambiente & sociedade**, v. 10, n. 1, p. 137-150, 2007.

CONSEA. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). In: **I Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. 2007.

COSTA, Christiane Gasparini Araújo et al. Hortas comunitárias como atividade promotora de saúde: uma experiência em Unidades Básicas de Saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 10, 2015.

DO DOSSIÊ, Comissão Executiva. **DOSSIÊ ABRASCO** Um alerta sobre os impactos dos Agrotóxicos na Saúde Parte 1-Agrotóxicos, Segurança Alimentar e Saúde. FIOCRUZ, Terrapia - Alimentação Viva na Promoção da Saúde e Ambiente, disponível em <http://www.terapia.com.br/>